

MARCELLA BORIONI ESCOBAR

LEITURA : PRAZER PARA AS CRIANÇAS ?
um estudo exploratório

RIO DE JANEIRO
2004

MARCELLA BORIONI ESCOBAR

**LEITURA : PRAZER PARA AS CRIANÇAS ?
um estudo exploratório**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

**RIO DE JANEIRO
2004**

**LEITURA : PRAZER PARA AS CRIANÇAS ?
um estudo exploratório**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em _____ de 2004.

BANCA EXAMINADORA

Prof Dr^a Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho
Universidade do Rio de Janeiro

Prof Carmem Sanches Sampaio
Universidade do Rio de Janeiro

A memória de minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos de cada dia.

Ao Ronaldo, meu amor, por quebrar qualquer possível monotonia, tornando meus dias mais divertidos e felizes.

À Mônica e à Márcia, por tantas vezes terem me ouvido.

À professora Lígia Martha que me orientou para este trabalho, de forma firme e exigente.

As professoras: Carmen Sanches, por ter me apresentado a disciplina de Literatura Infantil, e assim me inspirado; e Guaracira que me deu a "luz" na escolha do tema.

"Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida – ninguém, exceto tu, só tu".

(Nietzsche)

RESUMO

Apresentamos um estudo bibliográfico, em que foram realizadas reflexões inerentes à leitura, ao prazer e a fruição, tomando as crianças como cerne dessas reflexões. Para entender o que pensam as crianças sobre a leitura trabalhamos com um estudo de caso, onde oito crianças foram entrevistadas. Ao final, analisamos as entrevistas, tomando por base o referencial teórico pesquisado, e assim verificamos a relação que as crianças estabelecem (ou não) com a leitura. (elas estabelecerem alguma

tipos de relações, não? Pode ser prazerosa ou não!)

→
relato que
deveria
retornar

↓
vale psicog. 14

SUMÁRIO

1. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS INTRODUZEM UM TEMA.....	9
2. LEITURA: PRAZER?CONHECIMENTO?.....	15
2.1. LITERATURA INFANTIL: PRAZER OU FRUIÇÃO?.....	26
3. SER CRIANÇA E SER LEITORA: PRAZER, FRUIÇÃO, OU AMBAS?.....	33
4. CONCLUINDO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXO 1	

1. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS INTRODUZEM UM TEMA...

Durante minha infância, lembro-me de estar sempre rodeada de livros, envolvida em leituras. Ainda posso ver as enormes estantes da sala de estar (que no meu tempo serviam para abrigar livros) repletas de lindas enciclopédias folheadas a ouro, assim como obras de Lobato, Assis, Hesse, e tantos outros. Não sei precisar exatamente o que me levou a amar tanto os livros, ou melhor, a leitura. Talvez a figura de minha mãe, lendo todas as noites histórias de reinos encantados e belas princesas sofridas (era um momento único, sentir seu cheiro, ouvir sua voz...); talvez por saber que aqueles livros haviam pertencido a meu pai, a quem eu não havia conhecido, talvez ambas as coisas, talvez... talvez... mas com certeza jamais poderia esquecer quando li Reinações de Narizinho, efetivamente o primeiro livro, a primeira leitura, o primeiro arrebatamento. A partir deste, os outros foram naturalmente fluindo, ou melhor, fruindo. Sentada no jardim de casa, deitada na cama, no chão da sala, não importava... Onde quer que eu fosse a leitura ia comigo.

Era como se caminhássemos de mãos dadas, eu, a leitura e o prazer, ou mais do que isso, a fruição, tal era o êxtase pelo qual eu era tomada. Para mim leitura era, e é, sinônimo de prazer. E assim fui crescendo. Construindo novos castelos, inventando fadas e bruxas; brincando com Lobato, com cigarras e formigas. Chorava com os romances, investigava mistérios, descobria crimes. Havia uma intimidade com aqueles personagens. Conhecia seus segredos escondidos nas entrelinhas, naquilo que não estava escrito. A leitura ajudou a desenvolver, em mim, não só a afetividade, a sensibilidade, como também as funções cognitivas. Eu conheci mundos, usando o livro como transporte. A língua mãe se tornou íntima, por

eu estar em diálogo com a leitura, me inserindo nos diferentes contextos. Assim construí conhecimento, e percebi o quanto a leitura é fundamental ao crescimento.

Entretanto, cursando a Faculdade de Educação, mais precisamente durante as aulas de Literatura Infantil, alguns autores como Serra (1998), Lajolo e Zilberman (1996), Cabral (1998), e outros, chamavam a atenção para o declínio na prática de leitura pelas crianças. A cada texto que lia, nos quais o assunto era abordado, crescia minha surpresa ao descobrir que, segundo estes autores, a maioria das crianças não gostava de ler, ao contrário. O que para mim era sinônimo de prazer, para muitas delas, era sinônimo de obrigação...

Certo dia, já com os ouvidos mais abertos para tudo o que dizia respeito à leitura, ouvi de meu sobrinho, um garotinho de seis anos de idade em processo de alfabetização, e ávido por livros e revistinhas, o seguinte, quando inquirido pela mãe, a respeito de uma história que acabara de ler: *"Ih! Lá vem ela com essas perguntinhas!"*. Passado o momento da graça familiar que sempre gira em torno das crianças, percebi como aquilo o aborrecia profundamente, e logo me reporteí aos autores que tanto comentavam o desinteresse das crianças pela leitura.

Diante deste tema, a Leitura, tão amplo e importante por sua capacidade de aproximar culturas de forma lúdica, promovendo o desenvolvimento emocional, cognitivo, afetivo, minha atenção foi direcionada para um objeto – Leitura e Prazer para as Crianças.

Este meu objeto foi se aprofundando ao pensar nas leituras que havia feito. No quanto ela era única, capaz de me levar ao riso e ao choro. Um prazer simples e espontâneo que vai nos transformando, nos tornando íntimos de personagens, nos apresentando a novos mundos, e de forma mágica nos leva à aprendizagem.

A leitura é, também, o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade que lemos, o que importa é com que profundidade chegasse àquele entendimento. Cabe ressaltar que a leitura não é igual para todos.

Quando lemos, estabelecemos relações pessoais com a leitura, e cada um compreende o texto que leu conforme as relações que estabeleceu naquele momento. Em se tratando de crianças, é importante que o texto não seja autoritário com ela, mas sim que provoque seu imaginário, ampliando a visão do mundo que a cerca, tornando-a mais reflexiva e crítica, permitindo-lhe criar seu próprio discurso. Tudo isto com prazer. Não podemos deixar de observar, ainda que brevemente, o papel do adulto na relação da criança com a leitura. É através dele que a criança tem acesso ao livro, seja desde a elaboração, já que a maioria dos livros é escrita por adultos, seja na escolha ou na possível compra.

Assim, entre a relação do tema escolhido, a Leitura, e o objeto – Leitura e prazer para crianças, um problema me instigava, e me movia entre o tema e o objeto: A natureza da leitura em relação ao prazer. Desta forma, eu buscava entender qual o significado da leitura para as crianças e algumas questões foram então levantadas: É natural a leitura ser prazerosa? O que as crianças pensam da

leitura? O que as motiva, ou não, para a leitura? Tentando responder estas questões, objetivo identificar o que é leitura e o que é prazer de ler, e refletir sobre a importância da leitura para as crianças.

A noção de infância que temos hoje, não é natural, mas sim uma construção histórico-social. Durante o século XVIII, a criança era vista como miniatura do adulto. Ambos dividiam o mesmo espaço, e a criança era tida como improdutiva, desvinculada de compromissos, ingênua e isolada do mundo real. Hoje, como desde o fim do século XIX, percebemos a tendência crescente de separar o mundo das crianças do mundo dos adultos. Esta foi uma das conseqüências da concepção moderna de infância: o afastamento da criança do adulto, e uma maior preocupação com seu desenvolvimento cognitivo e social.

O surgimento da Literatura Infantil decorre desse novo papel concedido à criança na sociedade e da reorganização da escola. Portanto, a valorização da Literatura Infantil como objeto reflexivo, transformador, é recente. Até bem pouco tempo, ela era considerada como um gênero secundário, nivelada ao brinquedo, ou como forma de entretenimento apenas. No entanto, é no encontro com a leitura, de qualquer gênero, que o homem tem possibilidades de ampliar suas experiências, refletir sobre elas, transformá-la, enriquece-la.

Cabe observar a atualidade e relevância do tema num momento em que a Presidência da República sancionou, no dia 30 de outubro de 2003, o projeto de lei que institui a Política Nacional do Livro. Dois pontos bastante significativos dessa

medida são a inserção de rubrica orçamentária, pelo Poder Executivo, para financiamento da modernização e a expansão do sistema bibliotecário e de programas de incentivo à leitura. O governo poderá ainda ser obrigado a abrir linhas de crédito específicas para editoras e distribuidoras de livros.

Em termos de metodologia para desenvolver este estudo, utilizamos a pesquisa teórico-bibliográfica e o estudo de caso. A pesquisa bibliográfica nos deu subsídios para conhecimento e análise das contribuições teóricas existentes, a fim de subsidiar o estudo de caso.

Como pesquisa bibliográfica, utilizamos obras de Barthes (1973); Eco (1971); Serra (1998); Orlandi (2001); Machado (1999), autores que abordam a questão da leitura e do prazer, e Coelho (2003), para tratar da Literatura Infantil, entre outros.

O estudo de caso foi realizado com oito crianças, alunas da Escola do Jockey, de diferentes idades e níveis sócio-econômicos. Este limite deveu-se ao fato de ser a Escola do Jockey, e mais particularmente o Jockey Club, o lugar onde nasci e me criei, o qual considero belíssimo por suas particularidades, além da beleza física. Um lugar de pouco conhecimento das pessoas em geral, a não ser para aquelas que de alguma forma estão envolvidas com o turfe, sendo este o meu caso.

O Jockey Club Brasileiro, situado no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, é quase uma pequena cidade, com regras, leis de convivência e linguagem muito peculiares. Constitui-se por 3 grandes vilas que abrangem os bairros da Gávea,

Jardim Botânico e Lagoa. São vários os grupos sociais que lá coabitam, como os proprietários do cavalo de corrida (empresários, advogados, médicos, políticos, etc); veterinários; cavalariços (que fazem a lida animal), e outros, que formam a pequena, porém diversificada, sociedade do Jockey Club.

As oito crianças de nosso estudo de caso preencheram um questionário, que segue em anexo (Anexo 01). Quanto a esse instrumento, as perguntas constantes da entrevista verificaram dois aspectos: o aspecto objetivo, referindo-se a idade, sexo, e escolarização, bem como o aspecto subjetivo, onde foram apresentadas perguntas relacionadas à leitura (se lêem; por quê lêem; o que as fez/ou não ler; e o que sentem quando lêem), objetivando assim verificar qual relação estas crianças estabeleceram com esse processo / ato libertador.

O cronograma estimado para a execução deste trabalho previu, para os meses de agosto a novembro de 2003, a leitura da bibliografia específica, base da fundamentação teórica. O mês de novembro do ano de 2003 foi dedicado às entrevistas do estudo de casos. Em Dezembro de 2003, recorreremos à análise das entrevistas e do material bibliográfico coletado, bem como à elaboração da monografia, que se estendeu até março de 2004, quando então houve a entrega da monografia.

O trabalho está elaborado em três capítulos, contendo ainda a conclusão do estudo e referências bibliográficas. O primeiro capítulo compreende a introdução ao estudo. O segundo capítulo destina-se à reflexão sobre o referencial teórico e à

análise do estudo, tendo por base as entrevistas realizadas com as crianças. O terceiro remete as entrevistas.

2. LEITURA : PRAZER? CONHECIMENTO?

O processo de desenvolvimento que vivenciamos hoje, iniciado com a Revolução Industrial (século XVIII), se em princípio organizou nos grandes sistemas industriais, a produção, circulação e distribuição de bens materiais (automóveis, vestimentas, cosméticos, alimentação, etc), aos poucos alcançou o domínio da produção cultural, organizando do mesmo modo, em escala comercial, a produção, circulação e distribuição dos chamados bens culturais de um modo geral, aí incluída a literatura, em suas diversas modalidades.

Da era industrial de produção em série passamos para a era tecnológica, onde a informação ganha o poder que já foi da produção. Hoje, temos a supremacia da televisão como meio produtor e distribuidor de bens culturais, ao lado da informática e de suas múltiplas possibilidades, participando da formação do homem, mas a TV, na maioria das vezes, não possibilita um questionamento crítico, ao contrário, mascara a realidade. Conforme nos afirma Steinberg (1997):

Quando a manipulação da mídia se combina com a tendência da TV a fragmentar e a descontextualizar as questões que ela resolve cobrir, o resultado é que os eventos são abstraídos de seus significados. As crianças que dependem fortemente da TV para seu entretenimento e, assim, para construir sua visão de mundo, são cognitivamente prejudicadas por essa dinâmica. (p.113).

Para este autor, o que vem ocorrendo, desde os anos 50, é a produção empresarial da "kindercultura", ou cultura infantil, na qual as grandes corporações produzem um currículo cultural de interesses comerciais voltados, não em favor do bem social, mas para vantagens individuais. As diferenças étnicas e culturais representadas na TV pelos filmes ou pelos produtores das mídias são "desistoricizadas" e as desigualdades econômicas são, na maioria dos casos, ignoradas.

Elizabeth D'Angelo Serra, em seu texto sobre o panorama da literatura para crianças e jovens, defende o texto literário, por seu aspecto artístico, como sendo o único capaz de possibilitar uma leitura crítica de todas as outras formas textuais, como o caso dos textos falados na TV, no rádio, no cinema etc. Para Serra (1998):

A arte de mexer com as palavras e registrá-las através da escrita, publicando em livros, é a mais poderosa das artes, já que ao multiplicar-se em várias cópias possibilita sua democratização. Porém, fazer arte é elaboração, e trabalho, e reflexão e esforço. Assim desfrutá-la não é simples, requer, também, uma construção laboriosa daquele que toma contato com o texto literário. Todos os intelectuais, os artistas que se destacaram e se destacam têm na sua formação básica de leitores a leitura literária. O exercício de pensar a vida se enriquece com a leitura do texto literário. (p.98)

Assim, a leitura continua sendo uma das formas privilegiadas da formação humana. *Ler não é só gostoso e interessante, (...). A leitura não é apenas uma porta para mundos mágicos e maravilhosos, é também uma ferramenta de sucesso*(Machado, 1999.74). Pela leitura, formamos e ajustamos critérios de vida, adquirimos conhecimentos, apuramos e sintonizamos sentimentos, fazemos opções

de vida. De acordo com Larrosa, em entrevista a Alfredo Veiga-Neto, em julho de 1995:

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe mas, também, com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. (COSTA, 1996.133).

referir a referência
 (LARROSA: 1996.133)

Larrosa afirma, ainda, que pensar a leitura como formação, é pensar na experiência, “naquilo que nos passa, não no que passa”. *Pensar a leitura como formação supõe cancelar essa fronteira entre o que sabemos e o que somos, entre o que “passa” (e o que podemos conhecer) e o que “nos passa” (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos) (p.137).* Seria uma relação de escuta, de estar disponível a ouvir o que o texto tem a nos dizer, e não uma relação de apropriação autoritária. (...),

na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Alguém está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura. Está disposto a transforma-se numa direção desconhecida. (p.138).

referir → idem

Conforme podemos verificar pelas reflexões dos autores citados, ler é uma das habilidades mais importantes a serem desenvolvidas. No entanto, quando nos referimos à leitura, estamos pensando – como esses autores – que, ao ler, não basta identificar as palavras.

Orlandi (2001) nos afirma que ler envolve mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. *Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando* (p.11). Para Freire (1992), educador brasileiro que, de certa forma, se preocupa igualmente com questões mais amplas que se referem à leitura, também reflete:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (p.11-12).

Portanto, através das falas desses dois autores, podemos inferir que o “ato de ler” envolve uma compreensão crítica, não se esgota na decodificação de símbolos da palavra escrita; mais, antecede a esta, na “leitura do mundo”. A aquisição da habilidade de ler perde seu valor quando se torna um simples mecanismo, sem nada acrescentar de importante à vida e ao crescimento do leitor. Leitura sem crítica, sem reflexão ou questionamento é apenas informação, o que também tem sua importância, mas não é nada se comparada ao que podemos alcançar, ainda mais quando o texto é literário. Em outras palavras:

↑ se diminuir esse espaço, a citação sobe e fica nestas páginas

Principalmente no caso da literatura infantil, em que o leitor ainda está se formando, é muito importante que o texto não seja autoritário com ele, mas permita que se fortifique seu espírito de autonomia. E somente o texto literário

mas que
nem vai
levar a
estaca pra
a p. auting?

consegue ser subversivo e libertário dessa maneira, pois somente a linguagem artística se apóia num convívio de significados múltiplos, ambigüidades, alusões (Machado, 1999; MACHADO, p92).

Isso não significa um julgamento, ou uma categorização, ou o que Orlandi (2001) chama de "legibilidade".

Tanto Machado quanto Orlandi consideram a importância dos textos informativos, e não descartam os textos didáticos, por isso não ser um "julgamento", quando as autoras valorizam a Literatura. Mas ambas concordam que o texto literário amplia a visão de mundo, por sua forma estética, e não por "legibilidade".

A questão da legibilidade – como as outras que têm como móvel a linguagem – não pode ser respondida com essa "positividade" e de modo absoluto. A leitura portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (2001.p.9).

→ ORLANDI,

Chamando a atenção para a questão da historicidade, Orlandi afirma que a produção da leitura leva em conta o contexto sócio-histórico, ou seja, que as possibilidades de leitura de um texto se modificam, se tornam mais ou menos importantes conforme a época. Assim, para a autora, existem leituras "previstas" para um texto, embora o caráter de "previsibilidade" não seja absoluto, "pois sempre são possíveis novas leituras dele". A "imprevisibilidade" da leitura, ou possibilidade de ler um mesmo texto de várias maneiras, também resulta da história. Orlandi citando C. Wiler, em artigo para a Folha Ilustrada, em 30/3/1984, diz que

a relação da obra literária com a história é dupla, tem pelo menos duas mãos: é histórica, produto da época, mas também produz história, projeta-se na diacronia, influencia acontecimentos futuros, atua sobre a linguagem e opera no plano da ideologia, da percepção do mundo e representação do real.(in Orlandi 2001.p.88).

Nesse sentido, podemos inferir que a criação literária não tem um leitor determinado, e mesmo reconhecendo que existem leituras previstas para um texto, Orlandi enfatiza que não se pode “petrificar” esta consideração, a fim de que possam acontecer novas leituras. A criação literária é, portanto uma “obra aberta” na medida em que se dirige a um público anônimo e heterogêneo, é um “campo de possibilidades interpretativas”.

Conforme Umberto Eco (1971), qualquer obra de arte é uma “obra aberta”. A obra de arte é aberta ao futuro, possível de ser interpretada, “continuada” e reinventada por quem a vê. A obra aberta é uma obra que não acaba nas mãos do autor, é uma obra que envolve o fruidor e o torna também criador.

Nesse sentido, o autor produz uma forma acabada em si, desejando que a forma em questão seja compreendida e fruída tal como a produziu; todavia, no ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual. (ECO 1971,p.40)

O contrário de obra aberta, que Eco chamou de "discurso persuasivo" ou fechado, traz a mensagem pronta, e, é próprio da "cultura de massa". Assim, há uma oposição entre o "discurso aberto" (vanguarda) e o "discurso persuasivo" (cultura de massa). Apesar de bastante longa, vale a pena percebermos como o autor trata essa dicotomia:

O discurso aberto, que é típico da arte, e da arte de vanguarda em particular, tem duas características. Acima de tudo é ambíguo: não tende a nos definir a realidade de modo unívoco, definitivo, já confeccionado (...). O discurso artístico nos coloca numa condição de "estranhamento", de "despauamento", apresenta-nos as coisas de um modo novo, para além dos hábitos conquistados, infringindo as normas de linguagem, as quais havíamos sido habituados. As coisas de que nos fala aparecem sob uma luz estranha, como se as víssemos pela primeira vez; precisamos fazer um esforço para compreendê-las, para tomá-las familiares, precisamos intervir com atos de escolha, construir-nos a realidade sob impulso da mensagem estética, sem que esta nos obrigue a vê-la de um modo pré-determinado. Assim a minha compreensão difere da sua, e o discurso aberto se torna a possibilidade de discursos diversos, e para cada um de nós é uma contínua descoberta do mundo. A segunda característica do discurso aberto é que **ele me reenvia antes de tudo não às coisas de que ele fala, mas ao modo pelo qual ele as diz**. O discurso aberto tem como primeiro significado a própria estrutura. Assim, a mensagem não se consoma jamais, permanece sempre como fonte de informações possíveis e responde de modo diverso a diversos tipos de sensibilidade e de cultura. O discurso aberto é um apelo à responsabilidade, à escolha individual, um desafio e um estímulo para o gosto, para a imaginação, para a inteligência. Por isso a grande arte é sempre difícil e sempre imprevista, não quer agradar e consolar, quer colocar problemas, renovar nossa percepção e o nosso modo de compreender as coisas. (1971.p.279)

(...) O discurso persuasivo, ao contrário, quer levar-nos a conclusões definitivas, prescreve-nos o que devemos desejar, temer, compreender, querer e não querer. Para dar um exemplo, se o discurso aberto quer nos apresentar de um modo novo o problema da dor, o discurso persuasivo tende a nos fazer

* grifo meu

chorar, a estimular as nossas lágrimas, como pode acontecer com a fotonovela (...) O discurso persuasivo tende a confirmar o ouvinte nas suas opiniões e convenções. Não lhe propõe nada de novo; não o provoca, mas o consola. (1971.p.280)

Mas nem sempre é fácil perceber isto, até porque é justamente essa "cultura de massas" (discurso persuasivo) que vem se desenvolvendo cada vez mais. Para Eco (1971), o "*homem contemporâneo não pode fugir aos discursos convincentes e paternalísticos da comunicação de massa*". Estes são, até certo ponto, importantes ou necessários, como diversão e relaxamento, mas é fundamental que se conheça como agem os mecanismos destes, para que se crie uma leitura crítica. Daí a importância do "discurso aberto", comum às obras de arte e neste caso a literatura. Ela é a resposta, mas ao mesmo tempo é a própria pergunta: aí reside a "ambigüidade" da obra aberta.

Obra aberta quer dizer *em processo e passível de múltiplas leituras*. Assim, a leitura traz consigo as experiências individuais de cada leitor, e as relações que teve com outras leituras. Mas é claro que a individualidade tem uma certa unidade que é dada pelo contexto histórico e social. Portanto, não há texto pronto. O texto só tem vida com a dinâmica da leitura, com a presença do leitor em constante construção.

Em todo texto literário o percurso é provisório, não se pode traçar o caminho do texto literário, pelo menos não o caminho definitivo. A literatura não é porta-voz de uma única verdade, de uma exclusiva realidade, mas de uma série de

significações, de um olhar aberto às coisas do mundo, nos colocando em situações de “estranhamento”, de “despauamento”. É natural a ela a busca de caminhos que levarão a rupturas, a criação de novas formas ao invés da perpetuação de estereótipos. Sua função é, como diz Eco, a de “romper essa barreira de obviedade” difundida pela cultura de massa : “Portanto, sob esse aspecto, a abertura é a condição de toda fruição estética, e toda forma fruível como dotada de valor estético é aberta”.(Eco.1971,p.89) A fruição, portanto, ultrapassa os limites das “lições”, significa remeter a metáforas que muitas vezes transgridem o uso da língua.

Assim, é indispensável que se leiam textos criativos. E se o leitor é uma criança, além de criativos, esses textos podem, inclusive, brincar com a sonoridade das palavras. Como diz Ana Maria Machado (1999), “textos que usem as palavras de maneira artística, rica, sublinhando a beleza (...) textos que tragam o prazer de pensar”.

Tanto Eco quanto Machado falam sobre a questão do prazer e da fruição proporcionadas pela literatura, pela obra aberta. Mas o que será prazer? O que será fruição? Ambos os termos terão significados comuns?

Roland Barthes (1973), em seu livro O Prazer do Texto, faz uma distinção entre prazer e fruição ao dizer que o primeiro está ligado a uma prática “confortável

de leitura”, e que a fruição nos coloca em situação de “perda”. A fruição seria então o prazer violento, o arrebatamento.

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (...) faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem. (1973. p.49)

Segundo Barthes (1973), a leitura é sempre a busca da outra margem do texto, ou como ele afirma, *“uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar quaisquer contornos) que é sempre apenas o local do seu efeito: o ponto em que se entrevê a morte da linguagem”* (p.40), porque a primeira margem, como ele mesmo diz, é *“uma margem obediente, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixado pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura)”* (p.40).

Assim, o prazer do texto se instala entre o contato do leitor com a “primeira margem”, que é dada pelo autor, e a “segunda margem”, que o leitor constrói. Quando o leitor penetra nas margens do texto, perpassando pelas suas “fendas”, descobrindo as suas camadas ocultas, ou entrelinhas, instala-se a fruição.

Se Barthes!
mesmo!

Enquanto o prazer está na cultura, na segurança da margem sólida do texto, a fruição instala-se na desconstrução do pré-estabelecido. O pré-estabelecido é codificado, é social, como a língua.

Para Barthes (1973), o “prazer do texto” está radicado na subjetividade do leitor, entre juízos sociais de valor e preferências. O contato com a variedade de textos é que vai dar ao leitor a possibilidade de conhecer os vários horizontes de dentro e de fora de sua cultura. Isto torna o leitor mais maduro em seus juízos de valor. O prazer está também no encontro com a linguagem, com os signos, em poder navegar em seu imaginário, enriquecendo os dados que lhe são apresentados.

Podemos dizer, então, que o prazer da leitura envolve todas as situações. Ele está presente tanto naquele que lê num cenário calmo e tranqüilo, quanto naquele que lê no metrô. Tanto em quem lê uma revista informativa, quanto em quem lê um romance. Tanto em um jovem, quanto em uma mulher, uma criança...

Ana Maria Machado (1999) define a expressão “prazer do texto” de Barthes, ao dizer que ela está muito mais perto da *“noção de explorabilidade” do que de qualquer idéia de que uma história só serve se for divertida e agradável*, ou ainda, o que a autora chama de *“prazer das descobertas”*, prazer este, tão comum às crianças.

Por
Para falarmos em criança, é importante falarmos um pouco sobre "Literatura Infantil", a fim de buscarmos a relação existente entre a criança e a leitura. Mas afinal, o que é Literatura Infantil?

2.1 LITERATURA INFANTIL: PRAZER OU FRUIÇÃO?

Segundo Nelly Novaes Coelho (2003), a expressão "literatura infantil", desde sua origem esteve vinculada à idéia de diversão, de distração das crianças. Portanto, "devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura como gênero menor. (...) E como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos". (2003 p.29).

A partir do século XVIII, a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, devendo distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. Por isso a associação da Literatura Infantil com a Pedagogia, já que as

histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela. É, portanto explicável, porque até bem pouco tempo a literatura infantil fosse vista pelo adulto como "algo pueril (nivelada ao brinquedo), ou útil (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta)" (idem p.30).

A valorização da literatura infantil, como importante elemento na formação das crianças e jovens, é recente. Foi através da Psicologia Experimental, que a partir de um maior conhecimento sobre o ser humano traz mudanças à noção de criança, tornando importante que a literatura infanto-juvenil seja adequada a seus destinatários. Segundo Coelho:

"O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, no século XX, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um *elemento estruturador* do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive". (2003,p.30)

Desde o surgimento, a Literatura foi fundamentalmente fantástica. Era o momento em que a humanidade ainda não se apropriara do conhecimento científico. Assim sendo, o pensamento mágico dominava, em lugar da lógica que conhecemos.

"Compreende-se, pois, porque essa literatura arcaica acabou se transformando em Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças". (2003 P.52).

De quem
se trata
se for
COELHO?
colocar: (idem p.52)

(...) compreende-se por que certa literatura que teve largo sucesso entre os povos antigos (de interesses já tão distantes de nossa realidade atual) continue agradando às massas populares ou às crianças de hoje, como é o caso da literatura folclórica, ou das obras clássicas da literatura infantil. (...) Atentando-se para a natureza dessa literatura, vemos que sua matéria pertence à área do maravilhoso, da fábula, dos mitos ou das lendas, cuja linguagem metafórica se comunica facilmente com o pensamento mágico, natural nos seres intelectualmente imaturos. (idem p.44)

Após o século XVII, com a chegada do Romantismo, a *literatura fantasista*, que foi a forma privilegiada da Literatura Infantil, vai cedendo lugar ao *maravilhoso* dos *contos populares* (pelo trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca; Garret e Herculano em Portugal; etc.). São os Contos de Fadas um dos gêneros literários mais apreciados pelas crianças.

Caracteriza-se o conto de fadas pela instauração de um universo próprio regido por normas que apresentam um distanciamento e uma ruptura com a ordem natural. (...) O Era uma vez... com que tem início a quase totalidade dos relatos coloca-o sob uma perspectiva de verdades simbólicas, perdendo os fatos e os seres sua tangibilidade e logicidade e adquirindo o fantástico, o absurdo e o impossível características de realidade e veracidade. (Wornicov... et al. 1986, p.14).

Considera-se como "Maravilhoso" todas as situações que ocorrem fora do nosso entendimento, da dicotomia espaço/tempo ou realizada em local vago ou indeterminado na terra.

Coelho (2003) afirma que "*o Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças*". Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, ajudando a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida. A linguagem metafórica presente nas histórias do gênero maravilhoso comunica-se facilmente com o "pensamento mágico" das crianças, e isto as atrai.

É nesse sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas são importantes para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado.

(Coelho 2003, p55)

mesa
na
maravilhoso

Embora a evolução das crianças e jovens divirja de uns para outros, a sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante para todos, segundo nos afirma Piaget. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive. Coelho (2003, p.33) sugere alguns "princípios orientadores" que podem ser úteis para a

escolha de livros adequadas a cada leitor, e observa que ao estabelecê-los deve ser levado em conta as "inter-relações entre a idade cronológica, o nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e o grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura".

Assim conforme a autora:

- **Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos)** – A criança, nessa faixa etária, prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado. Ela presta atenção ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas. O ideal é inventá-las na hora. Os livros de pano, madeira e plástico, também prendem a atenção. Devem ter, somente, uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente. Nesta fase, há uma grande necessidade de pegar a história, segurar o fantoche, agarrar o livro, etc..
- **Segunda Infância (a partir dos 2/3 anos)** - Nessa fase, as histórias ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança. Devem ser contadas com muito ritmo e entonação. Tem grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identifica-se, facilmente, com todos eles. Prendem-se a gravuras grandes e com poucos detalhes. Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. A música exerce um grande fascínio sobre ela. A criança acredita que tudo ao seu redor

tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

- **O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos)** – Nessa fase, a criança é atraída particularmente pelas histórias bem-humoradas em que a astúcia do fraco vence a prepotência do forte; ou em que a inteligência vence o mal... Contemporaneamente, a literatura para crianças enfatiza especialmente o fenômeno do pensar, do sentir e do querer, em sua necessária complementariedade.
- **O leitor- em- processo (a partir dos 8/9 anos)** – Nessa fase, ainda o humor, a graça e as situações inesperadas ou satíricas exercem grande atração, assim como o realismo e o imaginário ou a fantasia. A narrativa deve girar em torno de uma situação central, a *enfabulação* deve obedecer ao *esquema linear*: princípio, meio e fim.
- **O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos)** – A partir desta fase, desenvolve-se o pensamento hipotético dedutivo e a conseqüente capacidade de abstração. É a fase de consolidação do domínio do mecanismo da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro. As imagens já não são indispensáveis, a linguagem é mais elaborada (*sem o lastro retórico*). Os gêneros narrativos que mais interessam são os contos, as crônicas ou novelas de cunho aventureiro ou sentimental.
- **O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos)** – Fase total do domínio da leitura, da escrita e da capacidade de reflexão profunda. Desenvolve-se o pensamento

reflexivo e crítico. São necessários alguns conhecimentos básicos da teoria literária, que embora *não comporte regras fixas e imutáveis*, possui alguns conhecimentos que não podem ser ignorados pelo leitor crítico.

Esta "separação", por estágios, nos remete a Piaget e seus "estágios de desenvolvimento", no entanto, vale lembrar que Vygotski não aceitava a possibilidade de existir uma sequência universal de estágios cognitivos, pois reconhecia a enorme variedade histórico - cultural das crianças. Vygotsky recorre ao conceito de "Zona de Desenvolvimento Proximal" (ZDP) que é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. Portanto, sobre o ponto de vista "vigotskyano", essa relação "cronológica", estabelecida por fases, podem não corresponder ao interesse/prazer/fruição de cada criança ao ler uma mesma obra, "adaptável a sua idade" ou não.

Para Machado (1999, p.91), "Toda ficção literária é, de alguma forma, um exercício de liberdade e uma imersão no mistério do indivíduo. Mesmo se for o que se chama *história para criança*. Se for literatura".

Portanto, a palavra literatura, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite, é a própria construção do indivíduo, como cidadão. Sendo assim, o termo

Conceito de Vygotsky - Toda aprendizagem é função da interação com a comunidade. Cuidado com a completude da resposta. Cuidado com a unidade no livro. Problemas da literatura infantil são, com atualidade, de, erro, questões.

infantil associado à literatura não significá que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (Coelho. 2003 p.27).

Em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança. (Coelho 2003, p.29)

Mas, e as crianças? O que será que elas pensam sobre a leitura? Para elas existe prazer em ler? O que nos dirão elas, a partir da entrevista que fizemos?

3. SER CRIANÇA E SER LEITORA: PRAZER, FRUIÇÃO, OU AMBAS?

O questionário-entrevista, aplicado aos alunos do colégio do Jockey, foi feito na presença do pesquisador, e preenchido pela própria criança, já que todas as oito estão em processo de alfabetização. Sendo assim, algumas ainda não possuem domínio da língua escrita, e, objetivando um melhor entendimento das respostas subscrevi, ao lado, aquelas que considerei necessárias, mantendo assim a

veracidade das respostas. Não houve necessidade de identificação dos entrevistados, limitando-se essa identificação apenas ao sexo, idade e série escolar.

Do total de crianças entrevistadas, 50% eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino, pois este foi um critério de seleção. O outro critério foi selecionar crianças que estão cursando o Ensino Fundamental ainda no 1º ciclo. Nesse sentido, escolhemos então 2 crianças por série (sendo 1 menino e 1 menina).

A primeira pergunta do questionário-entrevista, uma pergunta fechada sobre gostar ou não de ler mostrou que, do total de 8 crianças, 100% respondeu que SIM, que gostam de ler!

Contra-pondo o que afirmam alguns autores, as crianças entrevistadas em nosso estudo ratificam o que diz Ana Maria Machado, sobre não ser verdade que as crianças brasileiras estejam lendo menos. Conforme a autora:

Diz-se que as crianças estão lendo menos ou que os livros estão condenados a desaparecer porque são caros demais ou não conseguem atrair leitores diante dos CD-ROMs e computadores (aí ninguém lembra do preço de CD-ROM e computador...). Em geral, acho muito incoerentes. essas conversas e proponho que, se estivermos mesmo com vontade de examinar a questão, podemos começar pondo um pouco de ordem na casa. (1999, p.95)

Para esta autora, que esclarece não estar muito atualizada em "números estatísticos", as vendas das bienais e feiras de livros para este segmento do

mercado, o livro infantil, é a que mais cresce anualmente. *“Vários deles ultrapassam as 30 edições, dezenas de autores do setor já venderam mais de um milhão de exemplares e cada um desses exemplares normalmente é lido por mais de uma criança.”* (p.96)

E por que gostam de ler? O que as levou a ler? A estas perguntas subjetivas, foi curioso perceber que, das oito crianças entrevistadas, seis delas apontam, ainda que de forma implícita, a importância da leitura para a escola, e esta como a grande responsável por lhes ter instrumentalizado para a leitura. Vejamos algumas falas significativas:

Entrevistado 1: *“Porque eu gosto e porque me ensinaram”;*

Entrevistado 2: *“É educativo (!)”;*

Entrevistado 5: *“Faz bem e a gente aprende”;*

Entrevistado 6 : *“ Porque faz bem para a mente”;*

Entrevistado 7: *“Minha professora foi me ensinando”;*

Uma das crianças – Entrevistado 4 – inclusive, deixa clara a importância que dá a aprendizagem ao responder: *“Eu lia gaguejando, aí um dia eu fiquei lendo sem gaguejar aí eu gostei”* (quando perguntado sobre o que o havia levado a gostar de ler).

Para Machado (1999),

“como na maioria das vezes grande parte da população só vai se tornar leitora se tiver contato com bons livros através da escola e do sistema de ensino, é de

fundamental importância que a escola não desperdice essa oportunidade (...). (p.88)

A escola é o lugar privilegiado para desenvolver o gosto e o prazer da leitura e despertar nos alunos o interesse de ler, expressar e interpretar, desenvolvendo suas habilidades cognitiva, social e emocional. Pelas respostas das crianças fica claro que elas também concordam com esta afirmação.

Antes de mais nada, é preciso que se entenda que "ser leitor", não é resultado de um processo natural, ou seja, não é inato, não nascemos sabendo ler. É preciso também, além da interferência educacional e cultural, contato permanente com o material escrito, variado, e de qualidade, desde cedo. Assim, temos que concordar com Ezequiel Theodoro da Silva quando diz que ao "*fruir um texto literário, vivenciando prazerosamente seu jogo de ambiguidades (...), o leitor não permanece apenas na vertente da fantasia ou do imaginário, mas transforma-se na sua trajetória de leitura, na sua aventura como leitor (..) Por isso mesmo, dizer que a literatura não transmite conhecimentos e nem é fator de aprendizagem me parece uma grande balela.*" (1989 p.13)

Houve uma criança, Entrevistado 3, que para a questão: "o que a levou a ler?", respondeu: – "*a minha mãe*".

Esta criança atribuiu à responsabilidade do gosto pela leitura a um adulto, neste caso a própria mãe.

Mas este adulto pode estar em toda parte, ou melhor, em todas as instituições (escola, família) que se relacionam com a criança. Machado (1999) ao

falar sobre a leitura, diz que esta *"Pode ainda ser despertada, nas crianças e jovens, pelo exemplo – imita-se o comportamento de alguém que se admira. **Adultos que não lêem*** não dão exemplo de leitura nem despertam a curiosidade sobre livros".*(p.99)

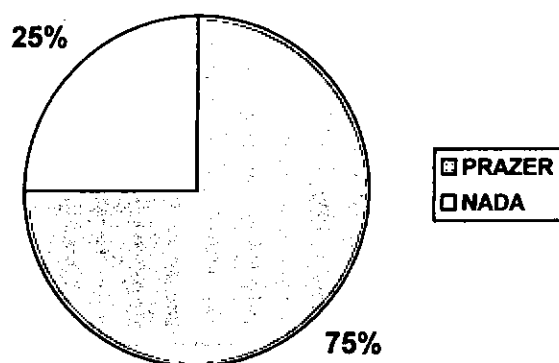
Esta também é a opinião de Ezequiel Theodoro (1989), quando diz que para ensinar uma criança a ler, o professor (o adulto) tem por obrigação e responsabilidade saber ler e possuir um vasto "repertório" de leituras.

Para Serra (1998), a figura do adulto também é fundamental, e antes de se falar em livro infantil e em sua função social, temos que falar nos adultos que estão entre o livro e a criança. Adultos que produzem, que divulgam, e o educador, aquele que para ela está mais próximo da criança, *"aquele que apresenta o livro e introduz ou não a atividade na sua vida."* (p.90).

Para saber se as crianças sentem, ou não, prazer quando lêem, levantamos a questão *"o que sentem quando lêem?"*. Apenas 25% das crianças, disseram não sentir nada. Os 75% restantes tiveram respostas variadas, as quais serão abordadas abaixo.

Vejamos primeiro o gráfico demonstrativo:

* grifo meu



Agora as respostas dos entrevistados:

Entrevistado 1 – “me sinto bem!”

Entrevistado 2 – “senti felicidade”

Entrevistado 3 – “emoção”

Entrevistado 4 – “eu me sinto importante”

Entrevistado 7 – “é muito legal”

Entrevistado 8 – “alegria e uma grande paz”

Os adjetivos dados pelas crianças em suas respostas, conforme vimos acima, cabe bem dentro do que Barthes considera prazer leitura, já que para este autor, “texto do prazer seria aquele que enche, satisfaz, contenta e dá euforia”.

De acordo com Barthes (1973), o prazer do texto reside na prática “confortável da leitura”, naquela que como um mergulhão te faz ir ao fundo e retornar, para novamente mergulhar, experimentando sensações únicas, num constante ir e vir.

O prazer está também nas descobertas, no saber, na construção do conhecimento. Assim, quando uma criança (entrevistado 4) responde “me sinto

importante” quando lê, temos que reconhecer que aí também reside o prazer. Como diz Ana Maria Machado (1999), “esse prazer das descobertas se associa, nas árvores e na literatura, a uma impressionante fecundidade (...)”. (p.91)

Finalizando as análises, mais uma vez me valho das palavras de Ana Maria Machado, “*A criança alfabetizada que não gosta de ler – salvo os casos extremos das que têm problemas emocionais ou psíquicos – é aquela que não teve exemplos de leitura nem oportunidade de ter um livro bom nas mãos, de descobrir a literatura*”.(1999 p.87).

4. CONCLUINDO...

A leitura é indispensável para que o indivíduo possa fazer escolhas, tomar decisões, conhecer, participar efetivamente na sociedade letrada que a nossa sociedade produziu.

O contato com a leitura deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio de livros, como também pela história contada. Entretanto, para fins de construção de conhecimento com prazer, aspecto fundamental da atividade de leitura, é preciso tempo livre. É somente este “tempo livre” proporcionará gosto, prazer, fruição, interesse e compreensão pelo que se lê, pois se não, a leitura passa a ser somente obtenção de informações, e, provavelmente, não trará proveito algum.

Para estabelecer a relação entre a criança, a leitura, e o prazer, o caminho ou o obstáculo é o adulto. É através dele que a criança tem acesso ao livro, e mais ainda, pode depender dele (adulto) tornar esta criança leitora ou não. Entretanto, tornar uma criança leitora não significa recomendar ou comprar para ela livros “clássicos” e defender a importância da leitura. Não, conforme Elizabeth D’Angelo Serra (1998) defende: *“Para que o livro exerça a sua função social é necessário que a criança se torne leitora. Isso se dá quando o mediador de leitura - o adulto - é um leitor e quando o livro oferecido a ela é uma criação artística (...)”*.

Pensando como educadores, “adultos” portanto, não poderíamos nos isentar de avaliarmos nosso papel em sermos este mediador, e de termos a escola como veículo. E porque o seríamos? Sem querer nos estender muito acerca de problemas conjunturais tais como a grande quantidade de pais analfabetos ou semi-analfabetos; famílias que dependem do trabalho infantil para complementar a renda; o preço dos livros em relação ao padrão de renda da sociedade; a falta de bibliotecas fora dos grandes centros, etc., etc., etc...., é na escola que a maioria das crianças provavelmente terá seu primeiro contato com o livro, com a leitura, e como vimos nos estudos de caso realizados para este trabalho, as crianças creditam à escola sua formação como leitoras.

Entretanto, boa parte de nossas escolas e professores utiliza-se do livro didático como prioridade ou fonte, quase que exclusiva, de leitura. As estatísticas estão aí para nos ratificar: (...) *quantitativamente, quanto à prioridade que é dada ao livro didático, representou, em 1996, o quádruplo da literatura infantil e juvenil (...) a literatura infantil e juvenil de **qualidade**, além de ser minoria, não chega à maioria de nossas escolas.* (SERRA – 1998).

Assim como Serra, não estamos aqui descartando o uso do livro didático, embora tenhamos dúvidas quanto ao seu real valor e finalidade, mas, condenamos seu uso exclusivo. Boa parte dos livros didáticos apresentam discursos que objetivam a “transmissão de conhecimentos”, linguagem pobre e estereotipada, que leva as crianças a uma mesma definição. Não há prazer, nem motivação para o questionamento, para formulação de hipóteses, para a construção de uma leitura

crítica do mundo. *Não há espaço, no livro didático, para o questionamento, base do pensamento criador.* (SERRA, 1998).

Por outro lado, o professor, que em sua formação histórico - social vem sendo negligenciado, também não se constituiu leitor. A "democratização" da escola, aumentando o número de vagas, não investiu na formação dos professores. *O ensino foi entregue a leigos (...). Como não se tratava de mão de obra preparada, passou a ganhar menos. Como ganhava menos, deixou de atrair quem estava disposto a investir anos de sua vida se preparando.* (Machado, 1999). A avaliação escolar, por sua vez, tem privilegiado a escrita, com predomínio da norma culta. São aplicados exercícios mecânicos, repetitivos, onde o aluno memoriza (e esquece), tudo dentro de um contexto fragmentado. Para Britto (1997), a escola com essa perspectiva em efetivar o ensino da escrita, possui a prática escolar fundamentalmente oral, tendo poucas e, fracamente dirigidas, atividades de leitura e produção de textos e quase nenhuma reflexão sobre o que se escreveu.

Grande parte do material didático da literatura infanto-juvenil, usado com o objetivo de "desenvolver o gosto pela leitura", possui textos reducionistas no que tange ao sintático e ao semântico. De acordo com Britto (1997) a escola (...) *pressupõe uma competência mínima de leitura e pura ação mecânica de decodificação gráfica.* Portanto, conforme afirma Serra (1998), as políticas educacionais contribuíram para que fosse afastado da formação dos professores o texto literário de diferentes gêneros, *tomando crianças e seus professores, aprisionados a um único tipo de texto.*

talvez, agora, essa percentual tenha mudado?!

Sendo assim, faz-se prioridade que nós adultos, revertamos o quadro estatístico da literatura adulta (9% em 1996 distribuídos entre exemplares e títulos – Serra,1998), para desta forma mudarmos o perfil do professor, o que, conseqüentemente, irá se refletir na formação de nossas crianças. Cabe lembrar o que nos fala Márcia Cabral (1998), que *a formação do leitor não é natural e requer diálogo constante com a cultura e a história*. Importante também deixar claro nossa posição. Quando argumentamos que o professor pode e deve ser o mediador da relação criança – leitura, estamos defendendo critérios que envolvem afetividade, o respeito pela infância, com suas singularidades e diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. Lisboa, PT. Edições 70. 1973.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A nova crítica ao ensino de Língua*. In: A Sombra do Caos: Ensino de Língua X Tradição Gramatical. Campinas, SP. ALB/Mercado das Letras, 1997.

CABRAL, Márcia. *A Criança e o Livro: Memória em Fragmentos*. In: Infância e Produção Cultural. Campinas, SP. Papyrus, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. São Paulo, SP. Moderna, 2000.

ECO, Umberto. Obra Aberta. São Paulo. Perspectiva, 1971, 2ª edição.

MACHADO, Ana Maria. Contracorrente: Conversas Sobre Leitura E Política. São Paulo, SP. Ática, 1999.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. *Um Panorama da Literatura para Crianças e Jovens*. In: 30 Anos De Literatura Para Crianças E Jovens – Algumas Leituras. SP. Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A Criança e a Leitura: Da Obrigação ao Lazer*. In: LEITURA: TEORIA X PRÁTICA – ano 8, junho, 1989, n.13. Opinião.

ANEXO 1

AS ENTREVISTAS...



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

1

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

7 anos

Qual seu sexo?

F M

Em que série você está?

1ª

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim não

Por quê?

Porque eu gosto de ler o livro Palmeirinha (porque eu gosto porque me ensinaram)

2. O que levou você a gostar de ler?

Li o livro (li gostei)

3. O que você sente quando lê?

Me sinto bem (me sinto bem)

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?

¹ Entrevistado 1



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

1

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

7 anos

Qual seu sexo?

() F M

Em que série você está?

1^o

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

E educativo

2. O que levou você a gostar de ler?

é legal

3. O que você sente quando lê?

felicidade

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?

¹ Entrevistado 2.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
1 ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

8 anos

Qual seu sexo?

F () M

Em que série você está?

2ª série

II. Sobre leitura.

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

Porque a estória é interessante.

2. O que levou você a gostar de ler?

Com minha mãe.

3. O que você sente quando lê?

Emoção.

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

7 anos

Qual seu sexo?

() F M

Em que série você está?

2^a

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

Porque eu me sinto muito feliz.

2. O que levou você a gostar de ler?

Eu lia que quando eu um dia fiquei lendo sem gaguejar eu gostei.

3. O que você sente quando lê?

Eu me sinto importante.

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

8 anos

Qual seu sexo?

F () M

Em que série você está?

3^a

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

Por bem e a gente aprende.

2. O que levou você a gostar de ler?

A eu gosto e alguns livros são legais.

3. O que você sente quando lê?

Nada.

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

8 anos

Qual seu sexo?

() F (X) M

Em que série você está?

3ª

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

Porque faz bem para a mente

2. O que levou você a gostar de ler?

quando eu li meu primeiro livro

3. O que você sente quando lê?

Nada

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

Quando eu tenho que estudar

5. O que você sente?



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

9 anos

Qual seu sexo?

F () M

Em que série você está?

4ª série

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

sim () não

Por quê?

Porque é bom e porque eu sei ler

2. O que levou você a gostar de ler?

minha professora foi me ensinando

3. O que você sente quando lê?

muito feliz

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

precisa na escola

5. O que você sente?

muito feliz



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PESQUISA: A LEITURA, O PRAZER E A CRIANÇA

I. Perfil do usuário

Qual é a sua idade?

11 anos

Qual seu sexo?

() F (X) M

Em que série você está?

4ª SÉRIE

II. Sobre leitura

1. Você gosta de ler? Se a resposta for "sim", responda o por quê e vá para as perguntas 2 e 3. Se a resposta for "não", responda o por quê e vá para as perguntas 4 e 5.

(X) sim () não

Por quê?

PORQUE EU ME-SINTO BEM E LER É UM EXERCÍCIO

2. O que levou você a gostar de ler?

A LER HISTÓRIA ENQUADRINHADO TURMA DA MONICA E ETC...

3. O que você sente quando lê?

ALEGRIA E UMA GRANDE PAZ

4. Mesmo não gostando, às vezes você precisa ler. Quando isso acontece?

5. O que você sente?



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : _____

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : _____

ORIENTADOR : _____

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

* **Primeiro avaliador :** **Professor convidado**

Professor: Carmem Sanchez Sampaio

Nota : 9,5 (nove e meio)

Considerações Finais:

Marcella, apaixonada pela leitura, elege a relação leitura e prazer como tema da sua monografia. Seu texto, bem escrito, traz a teoria de uma maneira envolvente. Ao investigar a relação que um grupo de oito crianças estabelece com a leitura tem a satisfação de concluir que o prazer em ler é predominante. Em um país, como o nosso, onde as taxas de analfabetismo funcional têm crescido a cada censo realizado, a relação que essas crianças construíram com a leitura nos revela que é possível formar leitores apaixonados, como a própria Marcella. Se, na entrevista realizada com as crianças fosse perguntado o que lêem, talvez os "princípios norteadores", sugeridos por Coelho (pág. 30), na "escolha de livros adequados a cada leitor", na prática, não se confirmassem. Esses "princípios" terminam criando classificações dos livros e das próprias crianças desconsiderando os sujeitos reais e sua(s) relação(ões) com o(s) texto(s) lido(s). Como nos diz Cecília Meirelles (...) *em lugar de classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso - não estou dizendo à crítica - da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não.*

Sugiro, na cópia a ser arquivada na universidade, uma revisão nas referências realizadas no corpo da monografia.

Pelo exposto, acima, atribuo a monografia nota 9,5 (nove e meio).

Carmem Sanchez
05/04/2004

* Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : Elgia Martha

Nota: 9,5 (nove e meio)

Considerações Finais:

O trabalho de Marcela, embora a escolha de quem usar
se, em uma pesquisa, um "objeto" de estudo. O tema, o problema e o abran-
dagem metodológica, seu elucidado pelo debate, seus em especial
técico adequado.

A questão, apenas o "depoimento" com que a pesquisa
sobre algo tão fundamental para sua cultura foi realizada.

Parabéns pela fluência na escrita!

2014

John Smith

(1925 - 1926)

John Smith is a member of the
Board of Directors of the
Company and is also a member of the
Executive Committee. He is
responsible for the general
management of the company
and is in charge of the
operations of the company.

John

* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Lígia Klautka

Nota : 10,0 (dez)

Considerações Finais:

A monografia está de acordo com as normas
da ABNT.

llly

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	9,5	10,0	29,0	9,7

Rio de Janeiro, 12/04/04

llly